

Educação Ambiental, Cultura e Rock and Roll: modos de ser sujeito em tempos contemporâneos¹

Environmental Education, Culture and Rock and Roll: ways of being subject in contemporary

Virgínia Tavares Vieira

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
vi_violao@yahoo.com.br

Paula Corrêa Henning

Universidade Federal do Rio Grande - FURG
paula.hennin@ig.com.br

Resumo

A crise ambiental vivenciada na contemporaneidade vem sendo pauta diária em nossas vidas, a partir de diferentes artefatos culturais. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo problematizar a forma como o *rock and roll*, nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental. Apoiada em autores como Michel Foucault, Félix Guattari e Zygmunt Bauman, o estudo apontou para um enunciado potente que vem nos auxiliando olhar para a problemática ambiental, este pautado pelo medo e terror pela perda do planeta. Diante disso, entendemos que tal artefato cultural se torna potente na produção de modos de ser e viver, pois diante dos significados travados na e pela cultura, vamos engendrando nossos modos de vida, bem como estabelecendo relações com o mundo em que vivemos.

Palavras chave: cultura, crise ambiental, educação ambiental, Michel Foucault, rock and roll.

Abstract

The environmental crisis lived by the contemporary society is daily present in our lives by the means of different cultural artifacts. The present study attempts to problematize the way the *Rock and Roll* makes us think the actual social and environmental crisis. Supported on the studies of Michel Foucault, Félix Guattari e Zygmunt Bauman, this study showed a powerful enunciation that has helped us to look at the environmental problematic, being the enunciation ruled by the fear and terror of losing or planet. As a result, such cultural artifact becomes a powerful tool in the production of ways of being and existence, as through the meanings dealt by and in the culture we devise our lifestyle and establish relations with the world we live in.

Keywords: culture, environmental crisis, environmental education, Michel Foucault, rock and roll.

¹ Esta pesquisa contou com financiamento do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP.

Introdução

Hoje, o mundo vive uma crise ambiental decorrente do modelo social, político, econômico e cultural. As transformações técnico-científicas, o aquecimento global, o derretimento das geleiras, o consumo, as toneladas de lixo, o demasiado uso dos recursos naturais: os nossos modos de ser e viver no mundo contemporâneo acabam contribuindo também para a degradação do planeta (GUATTARI, 2008). Essa realidade, que ora se apresenta, atravessa a todos que habitam o planeta Terra. Vivemos, no século XXI, uma crise social e ambiental que diariamente nos provoca a pensar na qualidade de vida e no futuro da espécie humana no planeta. Somos interpelados midiaticamente, por meio de artefatos culturais como a música, o rádio, o cinema e a televisão, com questões de aquecimento global, descomedido uso dos recursos naturais, desmatamento das florestas, consumo e de produção de toneladas de lixo. Vimos circular nesses espaços de comunicação de massa diferentes enunciações, tais como: de periculosidade e incerteza quanto à continuidade de vida na terra; do modo como nós, humanos, vimos nos relacionando com o meio ambiente e com a natureza e da probabilidade de não termos mais um mundo para vivermos. Entendemos que artefatos culturais como a música, o cinema etc., são ferramentas potentes que ensinam e legitimam valores ao difundir saberes e verdades acerca da crise ambiental vivida por nós na atualidade.

Diante deste cenário, temos como proposta neste trabalho investigar a forma como a música, por meio do *rock and roll*, vêm (re) produzindo saberes e verdades acerca da crise ambiental através de suas letras, ao tratarem com tanta veemência a temática ambiental. Aqui, tomamos a música, o *rock and roll*, como um artefato cultural potente para problematizarmos o discurso da crise ambiental e apreendermos a relevância da cultura na produção de significados e práticas que nos permitem interpretar o mundo, bem como tecer relações com ele. Assim, este estudo tem como intenção problematizar tais ditos e provocar o pensamento sobre os efeitos que esses produzem em nossas vidas diárias.

Crise ambiental, cultura e Educação Ambiental

Em tempos contemporâneos, percebemos que a humanidade encontra-se diante de um grande desafio: *A crise ambiental*. O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, dessa forma, deparamo-nos diante de um bombardeio de ditos sobre a Educação Ambiental, bem como sobre a crise ambiental, os quais circulam diariamente nos veículos de comunicação de massa. A mídia tornou-se um instrumento importante para disseminação da crise ambiental perante a sociedade. Dessa forma, vem auxiliando, decisivamente, na produção de sujeitos e de seus modos de ser, estar e viver a/na contemporaneidade. Frente a esses discursos, cada vez mais fortes e presente em nossas vidas, é que ressaltamos a força com que tais enunciações nos interpelam e nos provocam a pensar nessa crise ambiental instalada na atualidade. Sendo assim, questionamos: como somos interpelados, por meio dos artefatos culturais, a pensar na crise ambiental que se instala na atualidade? Que saberes e verdades nos atravessam e nos fazem olhar o mundo de uma forma e não de outra? Foucault, ao discorrer sobre a verdade, diz que

[...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros [...](FOUCAULT, 2011, p. 12) [grifo do autor].

Neste momento, gostaríamos de chamar a atenção para o gênero musical *rock and roll*, como um importante artefato cultural que vem (re) produzindo discursos e verdades sobre a crise

ambiental. Este nos ensina sobre natureza, meio ambiente e Educação Ambiental. Muitas letras nos reportam à ideia de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano; há uma alerta para cuidarmos do planeta, mediante uma política pautada pelo medo da perda e do fim da vida na Terra, onde o homem aparece como o seu principal destruidor. Diante disso, probematizamos: há uma única forma de olharmos para o mundo, para o meio que vivemos, para a natureza. Ao discorrer sobre a importância da cultura e as multiplicidades de vermos, narrarmos e relacionarmos-nos com a natureza, Guimarães ressalta que

[...] é na cultura, nesse espaço de circulação e de compartilhamento de significados, que vamos aprendendo a lidar com a natureza e, também, vamos estabelecendo nosso lugar no mundo, ou seja, sabendo quem nos tornamos dia a dia. Essa nossa inserção na cultura, no momento histórico em que vivemos, nos faz ver e estabelecer relações com a natureza de determinadas formas. Nesta direção, podemos nos perguntar: há uma única maneira de narrar, ler e ver a natureza? (GUIMARÃES, 2008, p. 88).

Ao colocar em circulação enunciações como essas, entendemos que tais artefatos culturais, vão reproduzindo e constituindo discursos e verdades relacionados ao campo da Educação Ambiental. Talvez fosse importante pensarmos como se formam esses discursos, principalmente aqueles vinculados às ações do homem para com o meio ambiente. Será que nós nos entendemos como seres pertencentes a essa natureza e ao meio ambiente?

Seguindo nessa correnteza, vale provocar, suscitar, problematizar tais enunciações, que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo. De que forma somos interpelados por esses discursos ditos como verdadeiro que nos capturam diariamente com chamadas persuasivas? Como viveremos daqui em diante, já que fazemos parte de um tempo de constante desenvolvimento técnico-científico, de degradação da ecossfera e de consumo exacerbado? Para Lipovetsky (2011, p. 44), esses “fenômenos contribuíram para que a religião do progresso fosse substituída pela a temática dos danos do progresso”.

Vivemos a era da transformação, da informação, das mídias, da indústria digital e do consumo; um tempo que refaz um mundo a todo instante, em que a cultura se sobrepõe a todas as fronteiras. Essa é a sociedade que Lipovetsky (2011) chamou de *era hipermoderna* – a qual é capaz de modificar “a superfície social e econômica da cultura” (p. 7). Nestes tempos hipermodernos, diante do desenvolvimento da indústria cultural e dos meios digitais, somos informados sobre o que acontece nos quatro cantos do mundo, o que consequentemente nos leva a sentimentos e sensações de estarmos vivendo todos em um mesmo contexto. Isso é o que Lipovetsky (2012) denominou cultura-mundo, ou cultura em escala planetária.

A crise ambiental que se instalou em nossa sociedade é um problema que atinge a todos em escala global. Vimos surgir no século XXI um mundo inteiramente diferente do idealizado, o que nos provoca a pensar nas diferentes formas de estarmos nos constituindo e estabelecendo relações com o meio em que vivemos. Lipovetsky (2012) ressalta que nosso tempo é caracterizado pela unificação do mundo em decorrência da conexão de acontecimentos diante da abertura de mercados, das inovações tecnológicas, bem como dos processos da informação e da comunicação. Dessa forma, isso nos leva a pensar o quanto somos atravessados por modelos de vida, por padrões econômicos e sociais, bem como por sentimentos de medo e insegurança que cruzam a todas as barreiras e irrompem todas as fronteiras.

É preciso um maior entendimento e compreensão sobre o estado de degradação do meio ambiente e das relações sociais, por meio de ações políticas, sociais e culturais. Carvalho (2011, p. 37) ressalta que é preciso renovar a nossa visão de mundo e entender “o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais”. Trata-se, portanto, de uma visão socioambiental. Nesse sentido, a autora salienta a importância de entendermos o meio ambiente como um espaço fundamental de relação entre sociedade e natureza, apreendendo o homem como um atuante das relações sociais, naturais e culturais.

O terror e o medo pela perda do planeta nas letras de *rock and roll*

A crise ambiental está instalada, no entanto, a forma como nos deparamos com o discurso da crise ambiental é o que vimos investigando. Muitas letras de *rock*, compostas por grupos de diferentes lugares do mundo, apontam para o homem e sua ambição como o motivo de tanta degradação, bem como nos traz um olhar apocalíptico, de que estamos na vida real vivendo um “pesadelo”. Mediante chamamentos de terror e medo pelo fim da vida na Terra, o *rock and roll* vem nos interpelando e nos fazendo pensar a crise ambiental por meio de uma política pautada pelo medo do fim da vida na Terra. Diante da recorrência de enunciações produzidas por tal artefato cultural, foi possível problematizar um enunciado potente, que nos captura e nos faz olhar para crise ambiental de forma apocalíptica.

O que observamos, com base na pesquisa que vimos realizando, é que se instalou em nosso momento histórico, social, político, cultural e ambiental um grande medo pelo fim do mundo em decorrência das problemáticas ambientais. Muitas letras de *rock*, ao exporem uma visão apocalíptica, capturam-nos e nos fazem sentir uma sensação de medo, insegurança e incerteza quanto à possibilidade do fim da vida na Terra. Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008), na vida moderna, o medo nos acompanha como um sentimento que é familiar e comum a todos nós. No entanto, o mais assustador é o medo que não sabemos de onde vem, nem mesmo o que faremos para estancá-lo, barrá-lo – como o autor nos diz, é o medo do desconhecido! Um medo “difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros” (BAUMAN, 2008, p.8).

Tratando dos perigos motivados pelas problemáticas ambientais, tal sensação pode vir de qualquer lugar, de situações inusitadas que cada vez mais nos atravessam mediante situações reais, ou mesmo diante de um discurso de crise ambiental, anunciando o risco que corremos. A sensação de que podemos ser vítimas de uma catástrofe ambiental, está entre os medos que fazem parte de nossas vidas e dos quais dificilmente poderemos escapar, desviar ou mesmo lidar com eles. E, assim, vamos buscando preservar a vida no planeta. Nunca sabemos quando a chuva inundará a nossa cidade, quando será o próximo terremoto, *tsunami* ou quando seremos atingidos por um longo período de seca, de falta de água. Situações emblemáticas como essas, são capazes de gerar na sociedade o que o autor chamou de “o sentimento de impotência”, ou seja, uma espécie de sentimento que reside em ameaças que não podemos perceber ou mesmo imaginar (BAUMAN, 2008, p. 32). É a instabilidade em que vivemos! Estamos suscetíveis a catástrofes, que chamam a atenção da população para os perigos naturais que nos acompanham e que, em frente às quais, nada poderemos fazer.

Pensar no gênero musical *rock and roll* como um artefato cultural potente para problematizarmos o discurso da crise ambiental, torna-se importante para apreendermos a relevância da cultura na produção de significados e práticas que nos permitem interpretar o mundo, bem como tecer relações com ele. Destacamos o quanto somos atravessados e constituídos por ditos que circulam na cultura e que nos colocam a conviver diariamente com as problemáticas ambientais. Nesse sentido, ao discorrer sobre a importância da cultura na constituição de significados, Kindel diz que

Damos significados às coisas através da forma como as representamos, e esses significados estão sendo constantemente produzidos em diversos lugares e práticas sociais. [...] é notável a produção de significados em tão grande escala e velocidade nos dias de hoje, visto que os modernos meios de massa têm capacidade de produzir e difundir significados globalmente, alterando de forma crucial os relacionamentos já estabelecidos entre espaço-tempo. A representação cultural é uma das formas mais eficazes de instituição de significados [...] (2003, p. 225).

Entendemos que, mediante tais enunciações, vamos nos constituindo enquanto sujeitos e, assim, internalizando um discurso de que precisamos adquirir estratégias que garantam o bem-estar da natureza e da vida humana no planeta. A importância de destacar tais ditos se dá por nos permitir mostrar o quanto *rock and roll* nos captura, fazendo-nos pensar na crise ambiental a partir de enunciações pautadas por visões apocalípticas. Diante disso, entendemos que tais enunciações entram na ordem do discurso verdadeiro. A crise ambiental presente nas letras de *rock and roll*, assim como na mídia, constitui-se como um discurso legítimo e verdadeiro que atinge a cada um de nós, a população de um modo geral. Ao nos anunciarem a necessidade de mudarmos nossas atitudes com o ambiente natural, para, no futuro, não experimentarmos outras formas de vida ou o fim da vida, o *rock* vai auxiliando na constituição de modos de ser sujeito na contemporaneidade. Em outras palavras, vemos proliferar-se nos veículos de comunicação uma busca desenfreada para salvarmos o planeta, por meio do medo, o qual nos captura e nos faz pensar nas ações diárias que tecemos com a natureza, e o quão necessário é preciso mudá-las. Muito mais do que a busca por um contato romântico com a natureza, entendemos que os artefatos culturais, aqui especificamente o *rock*, buscam criar estratégia de controle e segurança, no intuito de preservar, bem como prolongar a vida no planeta.

Considerações finais

Neste estudo, nossa proposta é mostrar o quanto o *rock and roll* contribui para olharmos a crise ambiental de uma forma apocalíptica. Na intenção de problematizar como o *rock and roll* nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental, pudemos encontrar, nesse gênero musical, uma proliferação de ditos que entram na ordem do visível e do discurso verdadeiro. Vale questionar a forma como vimos sendo interpelados pelo discurso da crise ambiental. Muito mais do que tomar atitudes em prol da vida neste planeta diante de, uma política pautada pelo medo, o fundamental é que possamos reinventar novas formas de ser enquanto sujeitos sociais e ambientais. Nas palavras de Guattari,

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das grandes crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2008, p. 55) [grifo do autor].

Nesse estudo temos como intenção provocar o pensamento e problematizar algumas verdades referentes à crise ambiental, que nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste mundo. Ao colocar em suspenso o discurso da crise ambiental na atualidade, podemos perceber que o enunciado aqui problematizado, é um dos enunciados que dão força para sustentar o discurso ora analisado. Ao nos evidenciar que o fim da vida na Terra, provocada pela mão do homem, poderá estar próximo se não repensarmos nossas atitudes em prol do planeta, o discurso da crise ambiental leva-nos a pensar que é devido às ações humanas que vivenciamos uma crise nunca antes imaginada por nós, possibilitando a perda de nosso planeta.

As letras de *rock and roll* fizeram-nos perceber que diferentes artefatos culturais vêm contribuindo para pensarmos no futuro da vida e de nosso planeta, bem como a forma como interagimos com o nosso ambiente. O enunciado que trabalhamos aqui e que sustenta o discurso da crise ambiental pode ser problematizado por cada um de nós, em especial por cada um dos leitores deste trabalho. Que este estudo possibilite rupturas no pensamento, criando outras formas de dar visibilidade à crise ambiental que experienciamos. Que possamos criar novas maneiras de ser, viver e sentir o tempo atual, lembrando que somos seres da cultura, inseridos nela e produzidos por ela.

Referências

- CARVALHO, Isabel. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2011.
- GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. *A importância da história e da cultura*. Inter-Ação: Ver. Fac. Educ. UFG, v.33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.
- KINDEL, Enice Aita Isaia. *A natureza no desenho animado ensinando sobre homem, mulher, raça, etnia e outras coisas mais...* 2003. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- LIPOVETSKY, Gilles e HERVÉ, Juvin. *A Globalização Ocidental: controvérsia sobre a cultura planetária*. Barueri, SP: Manole, (2012).
- VINCI, José Geraldo. *Ciência, Música e Sociedade* 2010. Disponível em: WWW.memoriadamusica.com.br. Acesso em: 10 de out, 2010, 20:43:44.
- WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI, H.; SILVA, P. R. G. (org.) *Contribuições à Educação Ambiental. II encontro e diálogos com educação ambiental FURG*. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2010.